

elian almeida**peças que eram coisas que eram pessoas**

nara roesler são paulo

abertura 13 de maio

exposição 13 de maio — 29 de julho, 2023

Elian Almeida. *Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos*, 2023

Nara Roesler São Paulo tem o prazer de anunciar *Pessoas que eram coisas que eram pessoas*, primeira individual do artista carioca Elian Almeida na cidade. Acompanhada por ensaios críticos de Keyna Eleison e Luiz Antônio Simas, a mostra apresenta um conjunto de pinturas inéditas, resultado do aprofundamento da pesquisa de Almeida sobre a cultura e memória afro-brasileira. Nos novos trabalhos, o artista se debruça sobre as manifestações culturais do Recôncavo Baiano. A exposição abre ao público no dia 13 de maio e segue em exibição até 23 de julho de 2023.

O deslocamento, no trabalho de Almeida, se dá em via dupla: temporal e espacial. “Nasci duas vezes no mesmo lugar”, o artista costuma afirmar. O local a que se refere é a região do Cais do Valongo, no Rio de Janeiro, um dos principais pontos de chegada e comercialização de negros a serem escravizados no Brasil durante o século XIX. Para Almeida, o nascimento é duplo, pois a chegada de seus ancestrais, séculos antes, neste mesmo porto, na condição de “coisas” e não “pessoas”, é um fato histórico que determinou seu nascimento, neste mesmo lugar, no ano de 1994. Esta constatação revela o quanto a prática de Almeida busca entrelaçar diferentes tempos e narrativas a sua própria biografia. No entanto, a sensibilidade de sua abordagem faz com que suas pinturas extrapolem o campo biográfico, abrangendo a experiência de outros corpos racializados no Brasil.

O artista, que já realizou pinturas baseadas no fluxo de africanos abduzidos de sua terra natal e traficados para serem escravizados no Novo Mundo, agora volta-se para diásporas no território brasileiro, em especial, na diáspora da população baiana para o Rio de Janeiro. Almeida vê nessa migração as origens de um encontro cultural que fomentaria a emergência de expressões de resistência da cultura afro-diaspórica, em especial no território conhecido como Pequena África, no Rio de Janeiro.

O fio condutor da pesquisa que o artista desdobra nos trabalhos que fazem parte da exposição é a religiosidade manifestada em práticas sincréticas. O Recôncavo baiano, nome dado à região geográfica ao redor da Baía de Todos os Santos, na Bahia, e cujo mapa figura em uma das pinturas da exposição, é um território rico em tradições culturais africanas, tendo em vista o grande afluente de indivíduos daquele continente que ali chegaram. Nesse contexto, floresceram irmandades secretas de negros escravizados, como a Irmandade da Boa Morte e a Irmandade dos Homens Pretos. Ainda que, em um primeiro momento essas comunidades fossem abrigadas no interior de igrejas católicas, as irmandades se constituíram como espaço de encontro e convívio de pessoas que compartilhavam vivências de exílio e submissão forçadas.

As pinturas de Almeida visam destacar como a assimilação de elementos do catolicismo foi uma das estratégias encontradas pela população escravizada para a sobrevivência de suas manifestações culturais subalternizadas. Em suas telas, o artista articula imagens e gestos provenientes dos dois universos religiosos e em grande parte das composições, a branquitude é representada a partir de objetos como oratórios, esculturas, mobiliários e, até mesmo, através de detalhes da arquitetura, como a típica azulejaria portuguesa. Já os elementos da cultura afro-brasileira, em especial aqueles que constituem a Umbanda e o Candomblé, aparecem na vivacidade dos gestos e nos elementos rituais, como guias, danças e ervas, criando contrapontos entre as esferas material e espiritual.

O artista também apresenta uma série de telas de cenas rituais, como a lavagem da escadaria do Bonfim, ou cenas de danças e ritmos consagrados aos orixás. Um dos destaques da exposição é o quadro em que o artista faz menção à lei do ventre livre, tema que já havia investigado anteriormente em outros trabalhos. Promulgada em 1871, a lei atribuía, a partir daquele momento, liberdade aos filhos de mulheres escravizadas. Na pintura, uma mulher negra, prestes a dar à luz, é representada deitada sobre o chão de um sobrado colonial, acompanhada por uma rezadeira. Para Almeida, essa imagem representa a potência de renovação presente no ato de nascer, servindo como uma metáfora para as possibilidades de transformação que o futuro apresenta.

No entanto, para Almeida é o apagamento que se constitui como a maior forma de violência existente, contra a qual busca apontar em seu trabalho. O artista tem como alvo não só a negação do direito à memória em decorrência do empreendimento colonial, mas também as lacunas de lembranças pessoais de pessoas racializadas, devido à violência dos traumas a que são submetidos na sociedade.

Em *Pessoas que eram coisas que eram pessoas*, Almeida reúne símbolos e imagens provenientes de uma ampla pesquisa iconográfica, para criar composições sincréticas que atravessam tempos na proposição de um novo imaginário mítico, não por remeterem a um tempo heróico, mas pela tentativa de retratar possíveis origens para a cultura afro-brasileira, demonstrando como a disputa de narrativas também se dá através da proposição de novas formas de representação.

elian almeida

Elian Almeida (n. 1994, Rio de Janeiro, Brasil) baseia sua prática na convergência de diferentes linguagens, como pintura, fotografia, vídeo e instalação, tornando-se expoente de uma nova geração de artistas produtores de objetos e imagens que reivindicam protagonismo para agentes e corpos usualmente marginalizados em nossa sociedade e na tradição da arte. Com uma abordagem decolonial, seu trabalho se debruça sobre a experiência e performatividade do corpo negro na sociedade contemporânea. Para isso, ele recupera elementos do passado, imagens, narrativas e personagens - oficiais e extra oficiais -, de modo a contribuir para o fortalecimento e divulgação da historiografia afro-brasileira.

Por um lado, sua pesquisa se debruça sobre biografias de personagens negras que tiveram sua importância apagada pela história, atribuindo-lhes a devida importância. Por outro, o artista volta-se para as violentas abordagens policiais de corpos racializados, revisitando as noções de privilégio, presentes na cultura e sociedade brasileira, assim como denunciando o mito da democracia racial. Em sua série Vogue, em que Almeida se apropria da identidade visual e da estética dessa famosa revista de moda para vincular corpos negros, vemos a convergência dessas diversas linhas de trabalho, levando-nos a questionar sobre os modos como esses sujeitos são representados e postos em circulação na cultura visual brasileira.

Elian Almeida vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil. Sua primeira individual Antes – agora – o que há de vir, ocorreu na Nara Roesler (2021), no Rio de Janeiro, Brasil. Seus trabalhos estiveram presentes em diversas coletivas, entre elas: Atos de revolta, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio) (2022), no Rio de Janeiro, Brasil. Crônicas cariocas, no Museu de Arte do Rio (MAR) (2021), no Rio de Janeiro, Brasil; Enciclopédia negra, na Pinacoteca do Estado de São Paulo (2021), em São Paulo, Brasil; e no Museu de Arte do Rio (MAR) (2022), no Rio de Janeiro, Brasil; Amanhã há de ser outro dia / Demains sera un autre jour, no Studio Iván Argote e no Espacio Temporal (2020), em Paris, França; Esqueleto – 70 anos de UERJ, no Paço Imperial (2019), no Rio de Janeiro, Brasil; Arte naïf – Nenhum museu a menos, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage) (2019), no Rio de Janeiro, Brasil; Mostra memórias da resistência, no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (CMAHO) (2018), no Rio de Janeiro, Brasil; Bela verão e Transnômade Opavivará, no Galpão Bela Maré (2018), no Rio de Janeiro, Brasil; Novas poéticas – Diálogos expandidos em arte contemporânea, no Museu do Futuro (2016), em Curitiba, Brasil; entre outras. Seu trabalho integra a coleção do Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil.

nara roesler

Nara Roesler é uma das principais galerias brasileiras de arte contemporânea, representando artistas brasileiros e internacionais fundamentais que iniciaram suas carreiras na década de 1950, bem como artistas consolidados e emergentes cujas produções dialogam com as correntes apresentadas por essas figuras históricas. Fundada por Nara Roesler em 1989, a galeria tem consistentemente fomentado a prática curatorial, sem deixar de lado a mais elevada qualidade da produção artística apresentada. Isso tem sido ativamente colocado em prática por meio de um programa de exposições criterioso, criado em estreita colaboração com seus artistas; a implantação e estímulo do Roesler Curatorial Project, plataforma de iniciativas curatoriais; assim como o contínuo apoio aos artistas em mostras para além dos espaços da galeria, trabalhando com instituições e curadores. Em 2012, a galeria ampliou sua sede em São Paulo; em 2014 expandiu para o Rio de Janeiro e, em 2015, inaugurou um espaço em Nova York, dando continuidade à sua missão de oferecer a melhor plataforma para seus artistas apresentarem seus trabalhos.

nara roesler

elian almeida pessoas que eram coisas que eram pessoas

elian almeida

pessoas que eram coisas que eram pessoas

nara roesler são paulo

abertura 13 de maio

exposição 13 de maio – 29 de julho, 2023

contato para imprensa

paula plee

com.sp@nararoesler.art

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art